

BOAVIDA PORTUGAL

O elogio do professor

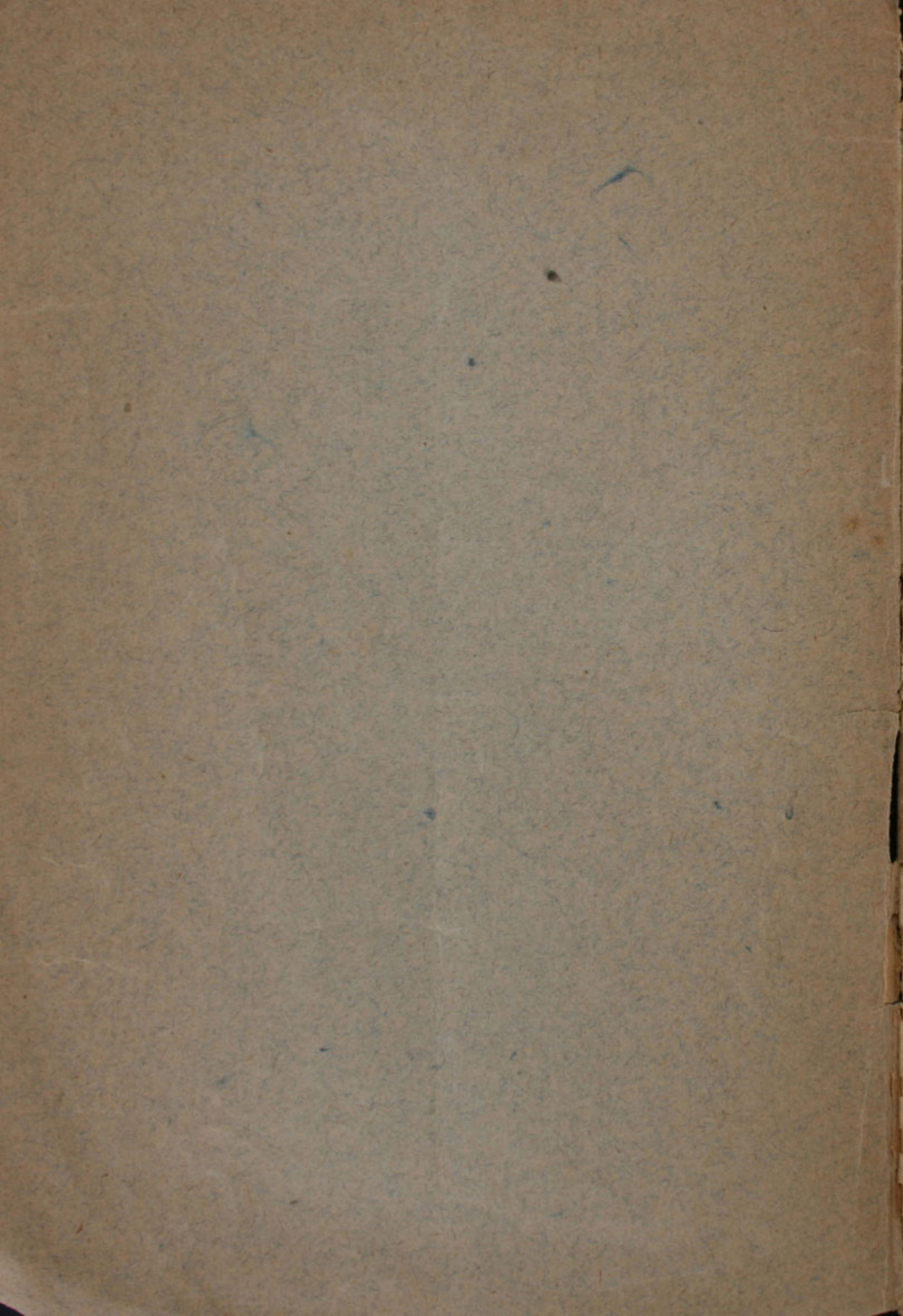
A sua missão social

Discurso pronunciado no Theatro
de S. Carlos, no sarau das Escolas
Normaes de Lisboa, na noite de
24 de Maio de 1912.



LISBOA
LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160
1912



BOAVIDA PORTUGAL

O elogio do professor

A sua missão social

Discurso pronunciado no Theatro
de S. Carlos, no sarau das Escolas
Normaes de Lisboa, na noite de
24 de Maio de 1912.

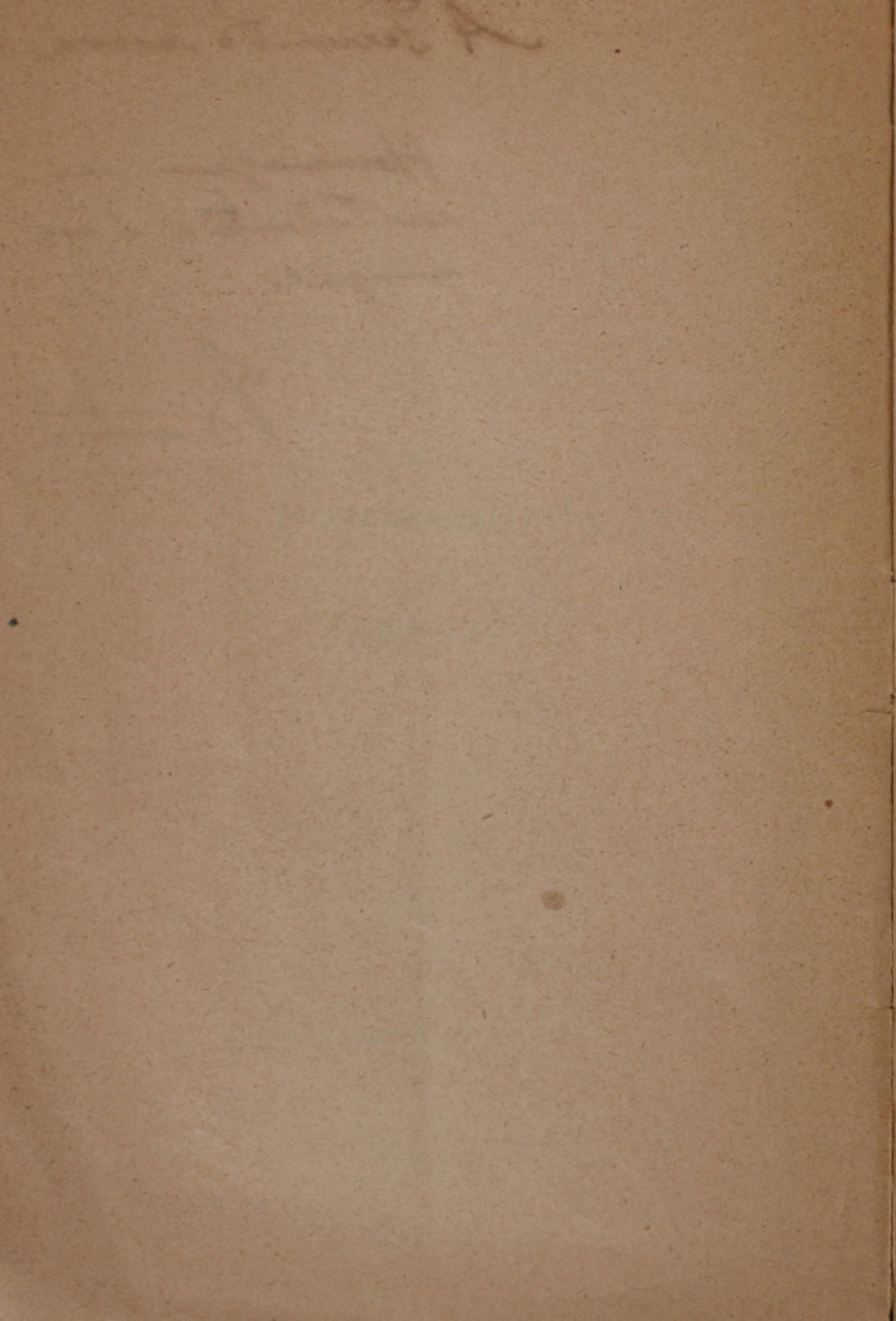


LISBOA

LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

1912



Ao jornalista,
ao professor
e ao amigo,

Sr. Antonio Maria de Freitas

dedica este trabalho

o discipulo mais devedor
e o amigo mais grato

Boavida Portugal



Ao lado de todos os gravissimos pecados para que ha remedio na terra, pecados tremendos ha que chegam a bradar aos ceus. Nunca ninguem lhessoube a conta e eu acabo de encontrar mais um :—o facto de eu vir aqui fazer uma conferencia, quando tenho muitos colegas bem mais competentes.

Seja como fôr, ou bem ou mal, e visto tratar-se de uma festa de normalistas, eu sempre direi a V. Ex.^{as} algumas palavras a tal proposito.

Felicito-vos e felicito-me.

Eu não sei de classe social que tenha mais nobres pergaminhos. Os aristocratas buscavam os seus, nas cinzas mortas do passado; vós conquistaes a realeza do presente, preparando o futuro. E o futuro, como ave que vae correndo ao vosso encontro, cada manhã vos leva um novo e mais nobre pergaminho. O professor é como a raiz : tem o poder de organizar a materia. E' a força de coesão dentro das sociedades. E' êle que faz do individuo um homem, porque o ensina a ler, e só quando se sabe ler se tem o pensamento em comum, se pertence á sociedade.

Quando as revoluções riscam de sangue o sólo das nações, não é o troar do canhão nem o fulgir das espadas que assinam a paz. Ha alguém, não lembrado, que, á luz mal coáda da misera casa da escola, préga o amor, a paz, a força do Direito. E a sua palavra obscura vae explodir no futuro, como a semente boa lançada á terra.

Um professor vale um general ; uma escola um acampamento. Afinal e segundo a poesia antiga, o professor tem sido o melro jovial, á frente de um exercito de pardaes, cantando a beleza, cantando o amor, á luz duma alvorada de abril.

Em verdade, a escola é um ninho. Quando, á sombra duma folha, piar uma avesita, dobrae o joelho: o ninho é um altar.

*

A obra a fazer, porém, parece não consistir tanto no ensino de noções positivas e ordenadas como no despertar e na educação de certos sentimentos: a sinceridade, o respeito por si mesmo, a altivez da honra, o desejo de se dominar, de se conduzir e aperfeiçoar, desprezando todo o áto vil e baixo, revista o aspéto e a tentação que revestir.

Deste principio se deduz toda a marcha da educação.

O valor moral é filho do caráter e não da intelligencia. Ora, o valor moral é, sem duvida, o eixo do pensamento e da ação.

Logo, devemos cultivá-lo como o primeiro fator da vida, aquêlê que excita a viver e fará aparecer o homem novo como um vivo entre os vivos, de vontade firme e energica, como um forte entre os fortes.

No tempo em que a escola só ministrava noções, o homem entrava na vida completamente cêgo. Só tinha iluminado o interior da cabeça, como nas brincadeiras do carnaval, de noite, na escuridade, uma cabáça ôca, com uma véla dentro.

Sabia muito, mas não sabia viver, que é muito mais.

Lá dizia Bacon: — «A arvore do saber não é a arvore da vida». — Rousseau disse tambem: — «Viver é o mistér ideal que eu quero ensinar ao meu Emilio.»

Se não houvesse todas estas razões, para demonstrar a necessidade de ensinar a juventude a viver, a ter o amor da ação, educando-lhe a vontade, formando-se-lhe o caráter, bastaria considerar que a sociedade a abandona ao sair da escola primaria.

Lançada na vida, precisa de saber viver,

para não morrer de fome, possuidora, embora, de um tesouro . . . de teorias.

Se, como é sabido, a educação marcha a par da civilização, indaguêmos da natureza desta, para orientar aquêla.

A escola de hontem ensinava á mocidade muitas coisas. Instruia, mas não educava; esclarecia o espirito, mas não formava o coração.

Ora, a vida é uma arêna, onde uns lutam por pequenos e outros por grandes triúnfos. Torna-se, pois, necessario que a juventude sáia da escola com aptidões para a vida social, podendo lutar para comer e triunfar para viver.

O fim da educação deve consistir, não em mobilar o espirito, mas em formá-lo; não em procurar conhecimentos, mas em desenvolver aptidões. Verdadeiramente homem não é o que sabe; é o que produz.

Se a nossa moral se baseia no interesse, criemos valores.

A escola do futuro deve ser o aprendizado da vida. A missão do professor será crear o amor pela ação.

A questão social é, no fundo, um problema de educação.

Mas, não abrâmos uma profunda distinção entre os termos *instrução* e *educação*.

Cada um dêles, para ser completo, ha de

compreender o outro. Um bom professor, ao ensinar física, nunca poderá deixar de ensinar as noções de *mal* e de *bem*, a proposito da utilidade, dos prejuizos ou beneficios dos phenomenos arrancados pela sciencia ao egoismo da natureza. Um bom professor, ao explicar as relações entre os numeros, nunca poderá deixar de recordar o principio da solidariedade humana, a qual, feita de algarismos simples, faz, contudo, o progresso das civilizações. Um bom professor, ao ensinar a historia, a geografia, nunca poderá deixar de lembrar a grandeza d'animo dos heroes, sobrelevando a baixeza dos traidores; o amor da Humanidade, o desinterésse, a corágem daquêles que, conquistando terras, alargaram a sua patria, d'aqueles que desencantando ilhas e novos continentes alargaram o mundo.

*

Tudo isto vem para dizer o valor da formação do caráter, a necessidade de nos tornarmos perfeitos mestres, para podermos aperfeiçoar os discipulos, os homens d'ámanhã, as gerações do futuro.

O grande desideratum da nossa epoca é a cultura do elemento social que é o individuo humano. Tudo, na organização atual da socie-

dade nos conduz a este elemento. A educação deve formar homens livres, de hábitos sãos, prontos para a vida.

Seja a independência de caráter do professor o necessário exemplo moral. Tenhamos o culto de nós mesmos, no sentido de sermos úteis á sociedade, tornando-nos o exemplo do nosso meio social. E assim, começemos por formar a escola alegre, chamando a nós os pequeninos, que hão de ser garantia duma felicidade futura. Um bom pensamento é o pensamento alegre, satisfeito, de felicidade e otimismo; um mau pensamento é o pensamento triste, de desfalecimento, de depressão organica, de puro egoismo, feroz e exclusivista.

Paul Tyner descobriu que, em ultima analyse, o corpo humano era composto de oxigenio e azote, combinados no estado normal em proporções determinadas. Se aumenta o azote ou diminue o oxigenio, dá-se o desequilibrio, resultando a doença e a morte. O equilibrio da proporção não determina sómente o estado fisico, mas tambem o psychico, isto é: o caráter e o estado d'alma.

Ora, cada bom pensamento aumentaria a quantidade de oxigenio e afinaria o corpo, emquanto que um pensamento mau aumentaria o azote, prejudicando assim o organismo.

*

Ha missões nobres dentro da vida das civilizações. Mas, dentre todas as nobrezas, resalta a do professor, como elemento social, guia de todos os elementos sociaes, palmeira dominando o deserto, aguia pairando nos ares, tentando a subir, convidando a voar.

A minha idéa, se pudesse, seria erigir um alto monumento, com palavras de justiça, onde a Arte puzesse os festões da Gloria e a Sciencia os caboucos da Verdade; e, fazendo da benção dos homens o oblisco sagrado, colocar em cima a estatua do professor.

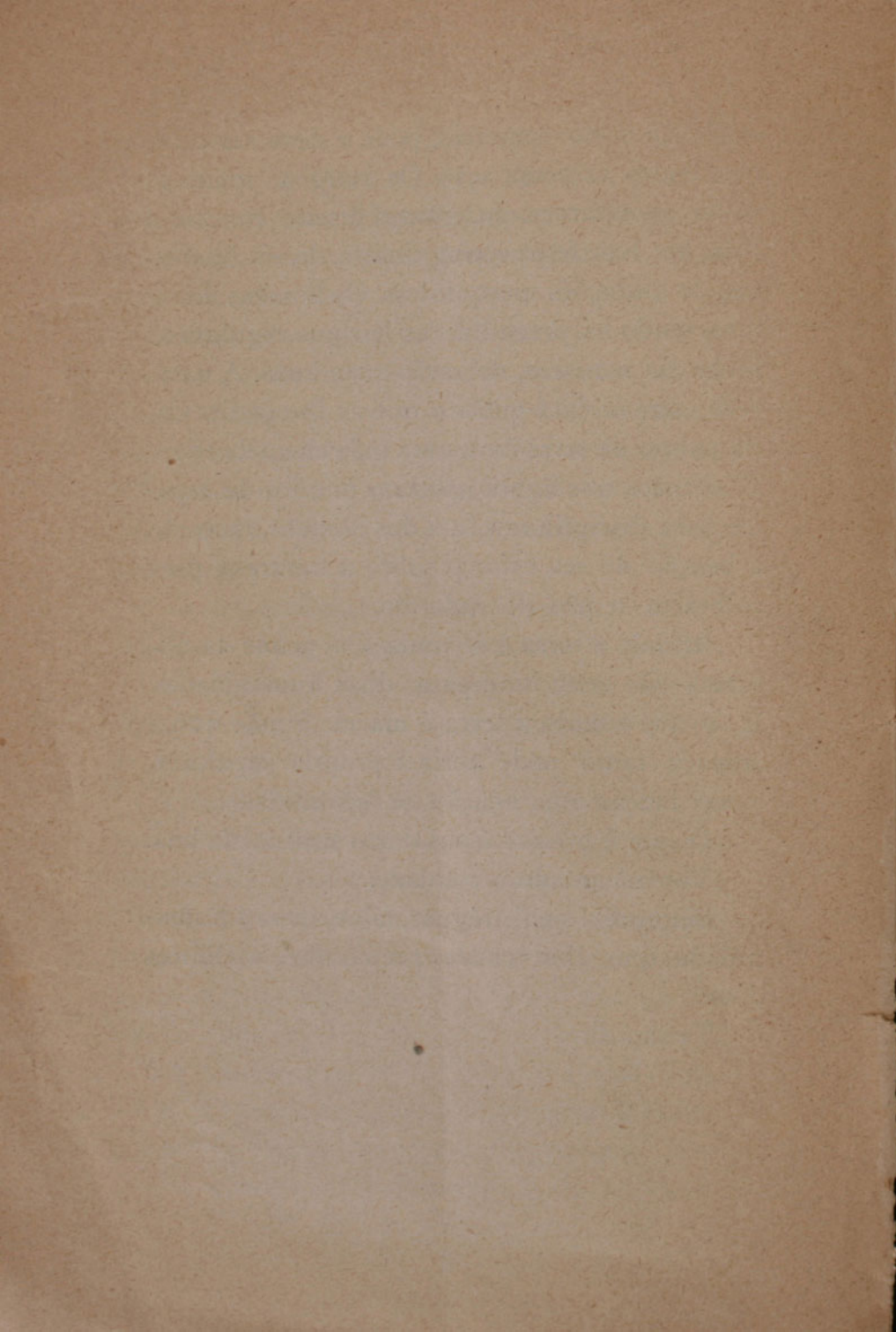
Da sua boca scintilaria a luz—Prometeu triunfante—com que ilumina a alma das creanças que êle facéta religiosamente, como diamante que ha de fulgir na corôa do Progresso humano.

Um dia, quando a Humanidade celebrar as festas da Inteligencia, ao professor será dedicado o hino triunfal da Vida.

Ter aprendido é muito; ter ensinado é mais.

*

Vós, senhoras, que ámanhã tereis equal mistér, sereis o amor na escola, semente do amor no lar, floração do amor na vida. A vida sem





LIVRARIA CENTRAL
DE
GOMES DE CARVALHO

158 - Rua da Prata - 160

LISBOA

A anarchia. — A sua philosophia. O seu ideal. — Por Pedro Kropotkine, traducção de V. Fonseca. 1 vol. 120

A anarchia. — Fim e meios. — Por João Grave, versão auctorisada de Raul Pires e Aquilino Ribeiro. 1 vol. 700

O atheismo. — Por Felix le Dantec, traducção de Faustino da Fonseca. 1 vol. 600

A Conquista. — Discursos e conferencias por Maria Veleda, com um prefacio do Dr. Antonio José d'Almeida. 1 vol. com o retrato da auctora. 500

A descendencia do homem. — Por Guilherme Bölsche, traducção de M. P. 1 vol. 300

Os Humildes. — Romance por Fidelino de Figueiredo. 1 vol. 200

A imbecillidade e a degenerescencia nas familias reaes. — Pelo Dr. Antão de Mello. 1 vol. 300

A impotencia sexual no homem e na mulher. — Pelo Dr. W. A. Hammond, traducção de J. A. Bentes 1 vol. 600

A mentjra religiosa. — Por Max Nordau, traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100

Mentiras religiosas. — Por Heliodoro Salgado, prefacio de Fernão Botto Machado. 1 vol. 300

A mulher. — Cartilha de instrucção social, por Soledad Gustavo, traducção de J. Sesuirosa. 1 vol. 100

A proxima revoluçao. — Por Leão Tolstoi, traducção de V. Fonseca. 1 vol. 200

O que os noivos não devem ignorar. — Philosophia pratica do amor entre os dois sexos, pelo Barão d'Alpha. 1 vol. 400

Sciencia e religião. — Por Malvert. Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. illustrado. 500